Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



CAROLE LOMBARD
tão linda e tão notável actriz, vai aparecer-nos ao lado de Charles Laughton em «O Outro» (They knew what they wanted) produção da Rádio-Filmes, dirigida por Garson Kanin.

2.ª SÉRIE—N.º 8—PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS—LISBOA, 30 DE DEZEMBRO DE 1940—PREÇO: 1$50

as estreias do Animatógrafo

«ANIMATÓGRAFO» VÊ SEMPRE AS FITAS ANTES DOS SEUS LEITORES. MAS VÊ-AS PARA LHES CONTAR ALGUMAS, EM IMAGENS E EM PROSA, PROPORCIONANDO-LHES ASSIM UMA ESTREIA, ANTES DE QUALQUER CINEMA.

FILMES ALCÂNTARA
apresentam
«A TORRE DE LONDRES»
(Tower of London)
Dirigida por *Georg Robinson*
Produção de *Rowland V. Lee*
para a *Nova Universal*
Argumento original de *Robert N. Lee*

Personagens:

Ricardo III	BASIL RATHBONE
Rainha Isabel	BARBARA O'NEILL
Mord, o carrasco	BORIS KARLOFF
Duque de Clarence	VINCENT PRICE
Lady Alice	NAN GREY
John Wyatt	JOHN SUTTON

A história da Torre de Londres é a História da Inglaterra. A célebre prisão de Estado não consistia apenas numa torre; era antes um vasto recinto fechado, onde ao lado das masmorras se erguiam verdadeiros palácios, formando um sinistro labirinto de segrêdos.



Tormentosos tempos aqueles do fim do século XV, velha Inglaterra! Na côrte de Rei Ricardo III (Basil Rathbone) havia nobres quási tão poderosos como êle. Intrigas, rivalidades, conspirações: Mord (Boris Karloff), o carrasco, não tinha mãos a medir.



O nobre John Wyatt (John Sutton) enamora-se duma dama da Rainha Isabel (Barbara O'Neill), inclinação que o Rei contraria. E como Wyatt teima no propósito, é prêso e sôbre êle paira a ameaça das torturas a que se sujeitam os presos na torre.



Lady Alice é a preferida da Rainha. O seu perfil sereno, a fragilidade de donzela recolhida, escondem um espírito decidido e persistente. Ela tem em mente a fuga do namorado e a deposição do cruel Ricardo. Mas nenhum dos dois desígnios é fácil de alcançar.



Cada nobre levanta o nome dum parente, próximo ou afastado, do Rei, para pretendente ao trono. Ricardo III vê-se rodeado dum ambiente de suspeições e, temendo todos, encerra na torre o seu próprio irmão, o Duque de Clarence (Vincent Price).



O pomo da discórdia entre os dois irmãos é o casamento do Rei, que o Duque não vê com bons olhos. A solução procuram êles numa aposta singular: o que conseguir beber mais vinho, vencerá. Já no século XV se faziam em Inglaterra apostas singulares...



O tortuoso Ricardo, ao ver que o seu irmão resiste à prova, pede a colaboração do carrasco Mord e junta, com o crime nefando, mais uma pedra negra à velha e sinistra torre. Aquelas paredes húmidas e espessas não deixavam coar os suspiros finais das suas vítimas.



Mas o reinado de Ricardo e o do repelente Mord chegarão, em breve, a seu têrmo. A intrépida Alice, sob disfarce, salva John Wyatt, e os dois fogem para França, onde Henrique Tudor os acolhe. A guerra das Duas Rosas ia atingir o seu auge e desenlace.



Henrique Tudor e a sua gente travam batalha com as tropas de Ricardo. O Rei e o carrasco morrem no combate. John e Alice sentem-se agora felizes, imensamente felizes.

Continuará a torre a cumprir o seu lúgubre destino?

(Texto de António de Carvalho Nunes)

2.ª série — N.º 8 — Preço 1$50
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisoria. R. do Alecrim, 65, Te 2 9856 Composto e impresso nas Oficinas de O JORNAL DO COMERCIO E DAS COLONIAS, R. Dr. Luiz de Almeida e Albuquerque, 5 NEOGRAVURA, LIMITADA, T. da Oliveira, à Estrêla, 4-6

Animatógrafo

Director, editor e proprietario ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

30 de Dezembro de 1940
PREÇOS DA ASSINATURA
Ano .... 78$00
Semestre .... 39$00
Trimestre .... 19$50
Distribuidores exclusivos:
EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Tel. P. A. B. X. 2 7507) — Lisboa

Foram inaugurados os CURSOS PROFISSIONAIS DE CINEMA

Conforme «Animatógrafo» anunciou, realizou-se no domingo, 22 de Dezembro, a sessão inaugural dos Cursos Profissionais que a direcção do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema decidiu promover.

Presidiu o sr. dr. Medeiros Galvão, que representava oficialmente S. Ex.ª o Sub-Secretário de Estado das Corporações e Previdência. Na linda sala das sessões da sede do Sindicato, na Rua D. Pedro V — uma sede modelar, arejada e sóbria, que é o ambiente condigno da profissão que abriga —, reunira-se numerosa assistência, na sua maior parte constituída por projeccionistas, sempre fiéis às sessões do Sindicato, que sempre se realizam nas manhãs de domingo, em sua intenção, visto que têm de ir trabalhar as «matinées».

O sr. dr. Medeiros Galvão convidou para secretariarem a mesa o nosso director, como Presidente da Direcção do Sindicato, e o sr. Raul Lopes Freire, que representava a Direcção do Grémio Nacional dos Cinemas. Mais uma vez, numa sessão corporativa, patrões e empregados de cinema se reuniam simbòlicamente.

Dada a palavra a António Lopes Ribeiro, o Presidente do Sindicato, improvisou um interessantíssimo discurso, em que definiu, com grande clareza, a missão e os deveres dos projeccionistas.

— O espectáculo do cinema—disse o orador — só se realiza completamente no «ecran». Todas as operações anteriores à projecção, embora indispensáveis, limitam-se a preparar êsse acto fundamental da arte cinematográfica, acto inicial e final, pois foi a projecção cinematográfica o que constituíu pròpriamente o invento dos Irmãos Lumière, e é para ela que no cinema tudo concorre e deve concorrer.

«Isso diz da responsabilidade que incumbe aos projeccionistas. E a verdade é que essa função tem sido relaxada, principalmente pelas emprêzas, muito poucas das quais se preocupam com a projecção, de imagens e de som, como conviria ao espectáculo cinematográfico. Chega a causar pasmo como certos exibidores não compreendem que o cuidado com a projecção se reflecte automàticamente no público e, portanto, no único «ecran» que lhes interessa: a bilheteira...

«Que não se diga ao menos — prosseguiu o orador — que o Sindicato não faz tudo quanto está ao seu alcance para dar aos projeccionistas a preparação técnica indispensável para o bom exercício do seu cargo. Inaugura assim um curso profissional, teórico e prático, em que poderão matricular-se os que já têm carteira e os que a ela aspiram, para que uns se aperfeiçoem e outros adquiram os conhecimentos indispensáveis.

E depois de se referir elogiosamente ao projeccionista do S. João, Manuel Vilas de Matos, profissional modêlo, e ao sr. Raul Lopes Freire, exibidor que tivera sempre a qualidade da sua projecção como preocupação constante, António Lopes Ribeiro terminou, referindo-se ainda ao outro curso agora inaugurado — o de revisão — salientando a sua importância, pois o cuidado na conservação dos filmes é complementar dos cuidados a ter com a sua exibição.

Depois de muitos aplausos, o sr. dr. Medeiros Galvão deu a palavra aos restantes oradores inscritos: o secretário da Direcção, sr. Conde da Silva, principal animador dos Cursos, que agradeceu a todos os que coadjuvaram a idéia, e, em especial, à SPAC e à Philips Portuguesa, que cederam muito material necessário ao ensino; o sr. António Barata, aluno do Instituto Superior Técnico, que leccionará Optica e Mecânica Cinematográfica, e que leu um interessantíssimo estudo sôbre a evolução das teorias luminosas; e o sr. Barroso Ramos, técnico de som da Philips Portuguesa, que fez a demonstração teórica e prática dum aparelho de projecção portátil, cedido para o acto pela Secção Cinematográfica do Secretariado da Propaganda Nacional.

Projectaram-se em seguida três filmes: o «Jornal Português N.º 16», da SPAC, com as comemorações de Guimarãis, deu lugar a vibrantes ovações a Carmona e a Salazar, que toda a assistência aclamou com entusiasmo. Seguiu-se um desenho animado colorido de Walt Disney, cedido pela Rádio-Filmes, e um filme de bonecos articulados de Georges Pal, da série Philips.

Antes de encerrar a sessão solene, o sr. dr. Medeiros Galvão, que é o assistente do Sindicato no I. N. T. P., salientou os termos de grande louvor para a iniciativa que o sr. Sub-Secretário empregou no despacho em que o nomeou para o representar, e disse o seu contentamento por tão significativo acto.

Mais uma vitória para o Sindicato — e para o profissionalismo cinematográfico português.

ANN DVORAK está em Lisboa

Ann Dvorak chegou a Lisboa, na véspera do Natal. Veio da América e vai para Londres — sentido inverso da maioria das vedetas que ùltimamente têm pisado o solo de Portugal. Mas a razão explica-se: Ann Dvorak é, na vida privada, Mrs. Leslie Fenton, visto que se casou com o famoso actor inglês, que tem trabalhado em Hollywood, não só como intérprete, mas como cineasta. Vimo-lo, ainda há pouco, no elenco de «Homens de Amanhã». Ora Leslie está em Londres, a cumprir o seu dever de soldado, desde Agosto passado. E Ann Dvorak, para ir ter com êle, para estar ao seu lado, deixou o cinema pelo jornalismo, e arrostou com todas as dificuldades com que deparam os americanos que pretendem vir à Europa — e segue para Londres, onde a vida, no momento presente, tem um acre sabor! Numa terra onde os divórcios se contam quási pelo número de casamentos, o gesto de Ann Dvorak, para nós portugueses, sentimentais e amorosos até à medula, aparece-nos como um belo exemplo de solidariedade conjugal — a dizer-nos que o Amor na Cinelândia também é capaz de encarar privações e sacrifícios, sem se refugiar no comodismo de cada um se preocupar apenas com a cruz que tiver que levar aos ombros...



Ann Dvorak, embora não pareça, «pousa» propositadamente para o nosso fotógrafo à entrada do Avenida Palace.

Não sei se os leitores se lembram de Ann Dvorak. Fixámos o seu nome desde que a vimos, ao lado de Paul Muni, em «Scarface», onde ela vivia, de forma magistral, o papel da irmã do bandido e desempenhava, de forma superior, a cena final, encerrada na casa, que os G-Men sitiavam, e batalhando com êle até que as balas punham termo à agitada vida dos dois. Desde então, nunca mais esquecemos a sua figura esguia, o rosto dum oval pronunciado, e os seus espantosos olhos, muito grandes, e muito expressivos — que dizem ser os mais bonitos de Hollywood.

Na vida privada, Ann Dvorak não

(Continua na página 10)

MANIFESTO à cinematografia espanhola

(Continuação do número anterior)

IV

Por alturas de 1926, Luigi Pirandello disse que os povos chegariam a uma guerra mundial para ganhar o mercado cinematográfico. De então para cá o mundo tem-se endurecido muito, e um incentivo novo, ainda mais forte que o económico, vem hoje confirmar a profecia de Pirandello, que o domínio pacífico do cinema americano ameaçava derrubar. Aquela razão mercantil que havia de provocar uma guerra mudou-se em razão política; o cinema como negócio deu lugar ao cinema como veículo duma doutrina, que adoptará tôdas as formas que a árte requeira. E a frase de Pirandello torna-se mais sólida noutra frase de Mussolini que nos diz, de cima do seu cavalo: «A Cinematografia é a arma mais forte». Já não se trata pois de negociar, mas de combater, de travar batalhas. E êste sentido militar logrado pelo cinema, com o seu temperamento lançado a galope, induziu os Estados a ocuparem-se dêle e a intervir nesta guerra que, como tôdas as guerras, não pode ser simplesmente missão da indústria particular. Os factos não tardaram em ser mais fortes que aquelas próprias palavras e o espectáculo cinematográfico é hoje, sob disfarces mais ou menos subtis, como que um formoso expediente oficial.

Faço esta consideração, de que possìvelmente os leitores não precisavam, para situar êste discurso em termos concretos: O cinema é arma que todos os Estados necessitam esgrimir; tratemos de achar agora a melhor esgrima.

Porque, por um lado, conforme aos cánones da eficácia, o cinema não pode ser abertamente uma tarefa oficial; por outro lado, e conforme aos cánones cinzentos da prudência, o cinema — expressão dominante dos povos — não pode ficar fora da interpretação oficial. Como se vê, não há-de faltar a esta arma nova a sua escola de equilíbrio.

Embora isso nos pareça elementar, a experiência aconselha-me a dizer que a primeira coisa que um Estado deve procurar em política cinematográfica é poder dispor duma boa cinematografia; deve tratar de forjar, por assim dizer, esta lança da sua expressão, na base de dotar a indústria e adiantar com créditos alegres a marcha lenta do esfôrço privado. Por isso é torpe perder agora tempo a pedir — escancarando as güelas para que soe em tom prático — que o nosso cinema seja «espanhol»; é ingénuo entreter-se alguém nesta luta fácil diante dum inimigo que não existe, porque não podemos falar de que o nosso cinema «seja espanhol», quando todavia não fizemos o nosso cinema ou, melhor ainda, o nosso clima cinematográfico. «O espanhol» virá depois, inexoràvelmente; hoje urge-nos «o bom» como aspiração máxima.

Pois bem: neste capítulo de procurar a bondade, a fortaleza cinematográfica do nosso país, o Estado espanhol não colaborou nunca. E é agora que pela primeira vez o olhar oficial se detem no cinema e se adivinha que, ainda que pese a tôdas as vacilações que a própria normalidade exige, a intervenção oficial na indústria cinematográfica vai sendo um facto positivo. Por isso interessa-nos muito apoiar nestas linhas — dedicadas à culpa que teve no nosso atrazo cinematográfico o desinterêsse duns governos caducos —, as outras linhas construtoras do que hoje pode ser a acção oficial junto da Cinematografia de Espanha.

Já que não dispomos de espaço nem tempo para nos recrear-mos com pormenores, faremos uma única declaração, que pode ser fundamental para outros juízos sucessivos:

Na obra cinematográfica é tudo um encadeamento exacto. Poucos ofícios exigem como o cinema a unidade de um critério condutor que saiba regular totalmente as suas actividades sensíveis. Seria funesto tratar o cinema sob o seu aspecto económico com um critério isolado da sua missão política, especialmente hoje, quando tudo o que não é economia política é política económica. Pode ser grave considerar o cinema como mais uma indústria, um simples fabrico, quando existem nêle tantos elementos sensíveis. E é simultâneamente político e económico tratar hoje o cinema com cuidados minuciosos e estabelecer o nosso sistema de intervenção oficial sôbre pilares cravados já no ano de 1950, que um dia havemos de pisar. E isto não pode dar-se tratando de deslocar ou cohibir a indústria privada, mas sim de favorecer e orientar os seus movimentos, criando nela o continente duma doutrina que depois possamos encher com um conteúdo substancioso. E' possível que tôda a nossa política cinematográfica, pelo menos nestes primeiros anos de incorporação nacional, esteja naquela frase de Lorenzo-o-Magnífico, que os meus amigos me ouvem citar com tanta freqüência. Censurava um cronista francês a política de Cosme de Médicis, com esta frase:

«A Casa dos Médicis procura sempre o seu interêsse privado».

E respondeu Lorenzo: «Mas o meu avô, senhor francês, foi tão inteligente, que soube fazer do seu interêsse privado o interêsse comum.»

* * *

Se conseguimos facilitar a obra privada e estabelecer de tal modo as premissas que todo o favorável caia dentro da lei, teremos a nossa Cinematografia posta numa solidez fecunda. E que a nossa norma de amparar a indústria privada comece já por evitar que se confundam com êste nome legítimo outros interêsses que poderão corrompê-la.

V

Trata-se agora de saber se é próprio à nossa índole nacional o exercício da cinematografia. E' esta uma grave demanda que hoje nos compete apontar, para termo do nosso discurso. Não se alude à conhecida exclamação de que o nosso céu e os nossos costumes são tema cinematográfico; estas linhas referem-se ao que poderíamos chamar capacidade espanhola para exercer a cinematografia. Se apresento assim os termos, é por acreditar no facto geográfico dos povos, na existência duma lei poderosa, de meridianos e latitudes, de que penso ocupar-me um dia largamente. Porque há ofícios específicos duma região que me lembro de ter visto malogrados quando se transplantaram para outras terras que não lhe eram conformes. Interessa-nos, portanto, analizar se a natureza da arte cinematográfica vai bem com a nossa índole.

Dissémos no princípio que cinematografia é a arte de expressar o movimento. Eis aqui duas palavras, expressão e movimento, que convém analizar sôbre um fundo de natureza espanhola.

Tôda a expressão é uma disciplina. Um poema de Garcilaso, um torso de Cánova, são emoção disciplinada, um sentido que toma forma e se concretiza em termos humanos. Mas nós, os espanhóis, somos um povo rebelde à expressão. E' freqüente encontrar entre nós o homem que se sente capaz de muitas coisas e nunca soube exprimir nenhuma; poetas que dizem: «Se eu pudesse escrever esta expressão que sinto!...» À nossa riqueza de emoção falta-lhe quási sempre o rigor de saber exprimi-la. Não quere isto dizer que a Espanha tenha deixado de expressar com acentos universais as suas emoções; mas é possível que a obra feita, sendo magnífica, não corresponda ao grau da nossa emoção, que deixamos transcorrer plàcidamente debaixo das oliveiras, sem lhe dar a sua expressão, a sua disciplina.

Mas, além disso, trata-se de exprimir uma acção, um movimento; pensemos que a Espanha não se move se não é para uma emprêsa terminante. Tem-se dito muita vez que há nas atitudes cinematográficas espanholas um excesso teatral, e é verdade. Mas não porque seja vício conseqüente da prática do teatro que possam ter os nossos actores, mas sim porque manifestam um modo de ser nacional, obsecado pela transcendência. Por isso, o povo pior preparado por natureza para viver em socialismo é Espanha. E por isso não há actor que se conforme em considerar que o seu papel numa cena pode não ter importância alguma. E' difícil descobrir um momento da cinematografia espanhola em que os actores estejam de costas para a câmara ou passem diante dela simplesmente. A Espanha não se move senão com atitudes arrebatadas, e é talvez o único povo que, quando se debruça para a rua, o faz violentamente, avançando sôbre a rua com as suas varandas.

(Continua na pág. 8)

M. A. GARCIA VINOLAS
Chefe do Departamento Nacional de Cinematografia

O CINEMA não é inimigo do TEATRO!

Velha demanda, e inútil, e sèdiça, essa que pretende opor, como dois espectáculos rivais, o Cinema e o Teatro. Demanda de que muito nos temos ocupado no decorrer de treze anos de jornalismo militante, nesta trincheira cinéfila, mas donde tratamos sempre o velho Teatro com a deferência devida aos precursores. E essa deferência manifestou-se principalmente no combate aos seus piores inimigos, que não somos nós, a gente dos filmes, mas a «quinta coluna» que o corroi, e o deturpa, e lhe põe à vela, inhàbilmente, a calvície mal oculta por cabeleiras anacrónicas, por incompreensão total da sua missão neste mundo e da melhor maneira de a cumprir.

Não negamos que o «ecran» tenha vibrado, com a sua juventude exaltada, — insolente, se quizerem, — um golpe rude na tranqüilidade olímpica do tablado.

Mas êsse golpe foi, para muitos teatros, incentivo de reformas, e de aperfeiçoamentos, de busca de novos caminhos para um mesmo ideal eterno, e que é comum a teatro e cinema: exprimir ideias pela representação de sentimentos.

Para o nosso teatro foi apenas «deixa» para um chorrilho de disparates, e de piaduchas revisteiras, e de representações oficiais. E fonte de desalento; e pomo de discórdia.

Tão tropegamente se defenderam os profissionais da ribalta, que não só se deixaram alcançar e até ultrapassar pela mocidade dos estúdios (a-pesar-da sua hesitante inexperiência e da sua impopularidade inicial), como armaram em ofendidos; e parece que fizeram filé em demonstrar que a concorrência cinematográfica, em vez de os incitar, os forçava a ir de mal a pior, em repertório, em encenação, em publicidade, — e, o que é mais grave, em disciplina e em moral. Péssimo sistema, quanto a nós, e malaventurada táctica, por certo. Porque se chegou a êste triste cúmulo: hoje, mesmo quando uma companhia portuguesa de teatro se dispõe a montar um espectáculo digno, com uma peça de categoria, encenando-a conscienciosamente, representando-a bem, e não só se dispõe como o consegue inteiramente, logrando alcançar os seus objectivos artísticos — o público não acredita, a própria empresa vacila (o emprezário nem foi ver a peça!) e todos declaram, com um fatalismo desesperador de suïcidas: — O Teatro está pronto. O Cinema matou-o e não há nada a fazer.

Vem tudo isto a propósito duma peça excelente, excelentemente posta em cena e muito bem interpretada que agora se representa em Lisboa, no Teatro Avenida, e que se chama «A Primeira Legião». Fomos vê-la e ficamos, não só contentes, mas entusiasmados, e esperançados num sinal de reacção possível, pois se demonstrava não se ter perdido definitivamente a chama e a confiança no teatro a valer. Mas creio bem que êsse entusiasmo era solitário e estéril, pois nem havia muitos espectadores, nem lá vimos nenhuns dos que mais aparatosamente se queixam de que o teatro em Portugal é uma bambochata.

Pois queremos provar que o Cinema não é inimigo do Teatro, antes pelo contrário: convidamos todos os leitores do «Animatógrafo», todos os bons cinéfilos, a irem dar ao Avenida uma lição aos maus teatrófilos, vendo e aplaudindo «A Primeira Legião». Verão aí, duma forma perfeitamente clara, que Teatro e Cinema não se contrapõem, e podem co-existir sem atropelos, abrindo campos diversos à actividade intelectual e artística. E se, pelo menos, êsse refôrço de cinéfilos bastar para fazer um êxito dos que se medem, em aritmética cinematográfica, por uma segunda semana, acreditem que já fizeram uma obra meritória. E talvez se consiga assim convencer os falsos mercadores duma arte imperecível, de que não é só com piadas políticas, trocadilhos reles, fados avariados, famílias pirangas, musicatas tonitruantes e burros em cena que se defende o prestígio e o «negócio» do teatro em Portugal.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

PANORÂMICA

Ainda o Manifesto

Terminamos hoje a publicação do «Manifesto à Cinematografia Espanhola». Nunca é demais chamar a atenção para êsse magnífico documento da actual clarividência de Espanha. Garcia Viñolas revela-se nêle um dos mais altos valores da nova geração. E é-nos sumamente grato verificar que o seu elevado e cultivado espírito se dedica inteiramente ao cinema, dando-lhe aquele calor mental e sentimental de que necessita, para poder integrar-se na sua verdadeira disciplina de arte essencialmente actual, superior em consequências e em profundidade a todos as que se praticam em nossos dias.

Os portugueses que olham para o cinema com o respeito devido às fôrças e aos espíritos, devem ler e meditar longamente êsse discurso sincero, pois cada uma das suas linhas encerra uma utilíssima lição e é vastíssimo tema de raciocínios complementares.

A fraterndiade racial das nossas índoles, portuguesa e espanhola, que embora possam distinguir-se superficialmente, enraízam na mesma terra e no mesmo génio ibérico, filho dilecto da latinidade, dão às palavras de Garcia Viñolas uma tão fácil aplicação à cinematografia portuguesa que chega a impressionar. Os mesmos erros iniciais — as mesmas correcções a fazer. E a mesma deficiência fundamental: carência de sistema, falta de continuidade. Feliz Espanha se, consoante a palavra de Viñolas, conseguir estabelecer um plano industrial, que coadune os interêsses privados e a intervenção oficial! Ai de nós, se o não conseguirmos também — e prontamente.

Será possível?

Escreve-nos um leitor, afirmando que em certo internato feminino dos arredores de Lisboa, está proibida a circulação de revistas de cinema e de revistas de desporto.

Quem nos escreve merece, por comprovada dedicação, inteira confiança. Mas a comunicação parece-nos tão surpreendente que preguntamos a nós próprios:

— Será possível?

Não admitimos fàcilmente que, em pleno século XX, se atire com o cinema e com o desporto para o *index* das coisas vedadas à educação feminina, de forma tão radical.

Que se seleccione, se oriente, se evitem especulações a que a imaginação das jovens adolescentes se presta com rapidez, é, não só natural, mas necessário: digamos até indispensável. Mas gostaríamos de saber quais as especiosas razões que levaram dirigentes, por certo bem intencionados, a condenar *in limine* as publicações similares de «Animatógrafo», e dos jornais desportivos portugueses.

Como, evidentemente, a proclamação do fruto proibido é razão mais que bastante para provocar a sua procura, transforma-se em prazer clandestino o que é simples e inofensivo passatempo, quando feito às claras. E isto parece-nos, salvo o devido respeito, um mau princípio pedagógico.

Aliás, o assunto merece mais longa explanação e dêle prometemos ocupar-nos.

«Apear» não é «apitar»

Pede-nos o nosso querido camarada de redacção António Carvalho Nunes que rectifiquemos uma gralha patusca que poisou na carta endereçada tão amorosamente à sua «favorita», Joan Bennett. A prosa apareceu assim:

«Olhei para o constelado firmamento de Hollywood e não fiz mais cerimónia: *apitei-te* e trouxe-te para o meu convívio...»

Ora a verdade é que Carvalho Nunes escrevera «apeei-te» e não «apitei-te», e ficou muito embaraçado por tomar com a Joan dos seus sonhos tamanha confiança, o que é seguro sinal do seu delicado espírito.

Mas, aqui para nós, «apitei-te» tem muito mais piada. No lugar dêle, abençoávamos a «gralha».

O numero do Natal

Registamos com natural desvanecimento a forma como foi acolhido pelo público o nosso número de Natal. Muitas pessoas nos escreveram, ou telefonaram ou procuraram, felicitando-nos. A todos agradecemos, prometendo não desistir de editar, sempre que seja possível e oportuno, números especiais.

Temos o prazer de anunciar para um dos próximos números o primeiro artigo de «Felipe Venturoso», o colaborador que tão gentilmente aceitou o nosso convite, feito por intermédio do Director do «Diário de Lisboa».

Estamos certos de que a impaciência dos leitores por ler quem tão alevantadamente se pronunciou a favor do cinema é tão grande como a nossa própria.

Por isso instamos «Felipe Venturoso» a não demorar o prometido.

UMA LENDA QUE SE DESFAZ

O CINEMA não prejudica a VISTA — antes contribui para que os oftalmologistas a corrijam melhor

Fêz em Agosto um ano que os rapazes desembarcaram em Las Palmas, após tranqüila viagem num «Highland» há pouco torpedeado. A nevrose da distância e, em particular, a inquietação constante dos primeiros sintomas da guerra actual, martelara-nos os nervos já combalidos. Sob o clima monótono, irritantemente pardacento das Canárias, êsse mal, feito de «pequenos-nadas» e do qual sòmente fazem idea os que viveram a vida tropical, complicam-se com a «rádio» a golpear-nos de dia, de noite, com sensacionalismos próprios da «Quinta Avenida».

Busquei, imediatamente, um médico amigo, especializado em doenças de olhos. Um letreiro sóbrio dizia em letras douradas num cristal negro: «António Parrado». Sim, aquele era o amigo apreciado e querido; o sábio apetrechado pelo saber e pela experiência; o exemplo vivo do sacrifício por família numerosa, e à qual sacrificara o desejo de matrimoniar-se. Sua mãe, uma senhora de prateados cabelos, andaluza de Cadiz; suas irmãs, e seus sobrinhos — enchiam-lhe a vida. E, com êles, os clientes.

Sempre cordeal, D. António é um quarto poder em Las Palmas. Ele e o seu colega D. José Aguiar. A tôdas as horas do dia e da noite, a «Casa de Socorro de Urgência» do Camiño Nuevo, parece competir, desinteressadamente, com a do Porto de La Luz — montada mesmo junto ao mar e dirigida por D. Rafael O'Shaannan. Quanto a êste, a sua fama mereceria um volume inteiro de anecdotas. Daqueles primeiros médicos, basta escrever que José Aguiar (apelido de directíssima inflexão lusitana) já a estas horas deve haver recebido, com a mão de sua filha, os lauréis do grande poeta Tomaz Morales, médico também. Quanto a António Parrado...

— Que temos nós com êste largo exórdio? — interrompem os amigos do «Animatógrafo», dando cotoveladas de mútuo aborrecimento.

Já lhes respondo: — Recebido em casa de D. António Parrado, na companhia de meu filho mais novo, admirei a sua instalação de medição escrupulosa devido à semelhança que oferecia com a câmara escura de um revelador de «fitas».

— Que tal? — preguntou o médico amigo ao petiz. E pregunta d'aqui, outra d'acolá logo me disse, numa receita breve, as lentes que devia adquirir a fim de o miúdo ver como qualquer outra pessoa...

— Podê ir ao cinema? Não lhe faz mal? — inquiri, temeroso de uma resposta contrária que desfizesse em quantos a maior ilusão do meu Carlitos.

Êsse é o vosso grande êrro! — interrompeu, com a sua alegre vivacidade andaluza o meu amigo médico. O animatógrafo foi o nosso melhor auxiliar, embora persistam os seus inimigos em atribuir-lhes males que antes dêle já existiam e que sòmente devido a êle foram «descobertos» por nós, os especialistas. Fale com qualquer cinéfilo «de verdade». Hoje vê-se mais o melhor que antigamente. A luz graduada docemente dos actuais salões animatográficos, é bem melhor que as irregulares e anti-higiénicas luzes dos velhos teatros populares.

— Confunde-me... — balbuciei a custo.

— Esta é a verdade. Sem o cinema, quantos equivalentes do «estigmatismo» viveriam desapercebidos até que, um dia, ràpidamente, reclamassem o auxílio de lentes já então ineficazes. Como esta, que é a mais corrente anomalia do olhar, quantas outras nós, os oftalmologistas «descobrimos» graças ao potencial infinitamente maior do cinema corrente...

— ...

— Não volte a fazer a pregunta. O seu rapaz pode e deve ir ao cinema. As lentes modernas derivam dos límpidos e magníficos cristais elaborados meticulosamente porque há um mercado que as paga muito melhor: — o das máquinas fotográficas e o das máquinas de cinema. Observe, na sua máquina, a limpidez dos contornos; a exactidão maravilhosa das imagens; e, principalmente, a ausência de esfôrço com que você tudo arquiva num pequeno album. Sem o cinema e a miraculosa depuração dos seus cristais, onde estaríamos? Miopes, aos vinte; cansados aos trinta; perturbados de todo aos quarenta.

Esfregava as mãos e ria-se, são, sincero, amigo, num estremecimento de todo o seu corpo, o nosso bom dr. António Parrado.

— Desculpe-me, «la barbaridad» — espanholizei, numa ironia amável.

— Qual «barbaridad, hombre»?... — e riu-se o meu prezado médico.

— O que eu vou dizer é uma grandíssima burrice. Mas é o complemento lógico do seu enunciado.

— ?

— O cinema será a panaceia dos olhos...

— Não é isso, por Deus! O que eu disse e clara e categòricamente mantenho, é que devido a êle a Humanidade pode, agora, prevenir a maioria dos seus males de visão. Quando digo «prevenir» quero, sòmente, dizer que o cinema permite, desde já, corrigir. E, nalguns casos, podemos curar defeitos que, ainda há poucos anos desconhecíamos porque os não podíamos «ver»... Agora, sim: — tudo vemos, tudo ampliamos; portanto, tudo analisamos!

Eu estava atónito. O meu petiz, rejubilante. Fomos, a correr, encomendar os óculos: uns magníficos cristais.

Voltamos ao médico, para comprovar. D. António Parrado ficou surpreendido da rapidez da execução mas, ao verificar o trabalho encontrou-o absolutamente certo. E logo comentou:

— Você sabe que eu nada tenho de germanófilo. Não posso, porém, deixar de reconhecer que é um povo levado da breca. Quando se propõem fazer uma coisa ninguém os demove... a não ser os ingleses! Por lá passei e estudei em magníficos textos alemães cuidadosamente vertidos para o espanhol. Que pena, se não se põem de acôrdo, uns e outros. Aí da Europa, aí do Mundo, se chegam a pegar-se.

Calei-me, única posição que pode adoptar um senhor «ainda consul» ante as explosivas manifestações de alacridade médico-andaluza do meu amigo.

Êste, atentíssimo, reparou na minha confusão e rectificou:

— Desculpe-me! Nós, os médicos, resvalamos sempre na política, embora nada tenhamos com ela. O mesmo acontece com os barbeiros, em escala distinta. Recomendo à sua memória, que considero inesgotável, uma última observação.

— Qual?

— A de que o cinema sonoro; ou, melhor dito, falado, que é, já hoje um êxito universal, determinará...

— ?...

— A «descoberta», quanto aos ouvidos, de maior número, ainda, de doenças ou defeitos até hoje não preveníveis pelos procedimentos de prognóstico e terapêutico clássicos.

— Ouviremos «mais»?

— «Mais» ou «menos» nada significam, sob o ponto de vista clínico. Hão-de ouvir «melhor», mais «límpidamente», mais «vibràtilmente». Como essa não é a minha especialidade, na primeira ocasião que vá a Lisboa fale com um médico amigo que disso entenda.

Interrompo a entrevista. Entretanto o director de «Animatógrafo» no seu perpétuo trepidar de «yankee» lisbonense, diz-me em segrêdo:

— Procure o Abel Alves... E' meu amigo.

Completo:

— E meu também. Procurá-lo-ei, em segrêdo, na Avenida e apresentar-lhe-ei o número do «Animatógrafo» em que saia esta entrevista.

— Combinado! — rematou António Lopes Ribeiro. O qual, como de costume, se volatilizou, deixando-nos na dúvida da sua existência carnal.

CONSIGLIERI SÁ PEREIRA



—— *Vão muito adiantados os trabalhos preparatórios para a realização do filme «The return to Pains Peers». O produtor e realizador já comprou lápis e papel para escrever o argumento.*

—— *O célebre produtor de filmes cómicos Hal Roack vai lançar uma nova parelha de «azes» da gargalhada. Desta vez não serão actores, mas sim actrizes, o que constitui ineditismo nêste género de filmes. As cómicas são Louise Durand e Thereza Couple, que aparecerão com o nome de «A Bucha e a Estica». O realizador dêstes filmes será Arthur Dewart.*

—— *Está completo o elenco que vai interpretar o novo filme «The Wolves of the Mountains». Para desempenhar o lobo principal, o realizador Brunius von Ecke acaba de fechar contrato com o cão da bailarina Ruth, que tem a mania que é o lobo da Alsácia.*

—— *O célebre cineasta Tony Willard vai mostrar uma nova faceta do seu talento. Dentro em pouco surgirá como realizador dum filme musical que terá como protagonista um casal de bailarinos. Os trabalhos vão muito adiantados, pois já foram publicadas as fotografias de dois maestros e de alguns intérpretes, mas o filme, por emquanto, está apenas em estúdio.*

A FEIRA DAS FITAS

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATÓGRAFO» chamam a atenção do público para o que nêles merece atenção especial.

«DE BRAÇO DADO» (M. G. M.).

— A realização de BUSBY BERKELEY pelo dinamismo que imprimiu aos momentos musicais do filme.

— Tôda a comunicativa interpretação de MICKEY ROONEY, na qual patenteia os recursos mais variados.

— A interpretação de JUDY GARLAND e muito em especial a maneira como canta.

— As canções «Good Morning» (HERBERT BROWN e ARTHUR FREED) «Opera versus Jazz» (arranjo de ROGERS EDENS) e «I cried For You» (ARTHUR FREED e GUS ARNHEIM).

«PINOCCHIO», versão portuguesa (Rádio Filmes).

— A notável adaptação dos diálogos originais pelo dramaturgo brasileiro JORACY CAMARGO.

— O sincronismo e a tonalidade perfeita da voz portuguesa de Pinocchio.

«TUDO A CANTAR» (Filmes Castelo Lopes).

— A voz admirável de BING CROSBY e o talento extraordinário de LOUIS ARMSTRONG, cantor e trompetista inconfundível.

— Tôdas as canções do filme, especialmente a intitulada «Pennies from heaven».

— A originalidade da figura do protagonista: «o último dos trovadores».

«DE BRAÇO DADO»

(«Babes in Arms»)

Busby Berkeley, realizador de «Braço Dado» e um especialista de fitas musicais, um especialista e um renovador. Antigo director de dança, depois de connecer as mais variadas situações no teatro musicado onde foi actor, ensaiador, produtor, etc.... apareceu a trabalhar no Cinema dirigindo sequências musicais e deixou o seu nome ligado a filmes como «Toureiro à Fôrça», «Escândalos Romanos» «Rua 42», «Wonder Bar», «Orgia Dourada», 20 Milhões de Namoradas» e muitos outros.

Deve considerar-se um mestre do género para o qual soube trazer o dinamismo necessario, o dinamismo essencial do Cinema e a riqueza das grandes marcações e dos grandes conjuntos juntando à fórmula de Ziegfell —«more steps»—uma outra que é usar a variedade de angulos é de efeitos que a dança e o «music-hall» só com o Cinema podiam dar.

Neste novo trabalho a sua tarefa foi mais vasta pois dirigiu toda a fita. Mas é na parte musical que Berkeley continua a ser mestre e grande, tão grande e tão arrebatador que a alegria, a mocidade comunica-se irresistivelmente e domina tudo o mais, de tal forma que quando se pretende dar o balanço do valor total da fita os momentos mais frouxos que unem — e às vezes sente-se que foram feitos «para unir» — as sequências musicais umas às outras se esquecem com facilidade.

Mas Busby Berkeley teve, além do seu saber a servi-lo para a realização de «Braço Dado» um conjunto excepcional de colaboradores, principalmente na música e na interpretação.

Todo o arranjo musical é notável, mas o seu autor Rogers Edens brilha particularmente naquela espantosa «trouvaille» de «Opera Versus Jazz» em que a ópera e o «swing» se misturam com tanto sabor, tanto espirito e, ainda, por cima, com tanta perfeição musical.

Esta canção por ser um invulgar achado, e «Good Morning» e «I Cried For You», a primeira cheia de vivacidade e mocidade, a segunda com grande beleza de melodia constituem entre toda a boa música da fita, momentos inesquecíveis. Arthur Freed — categorizado especialista de assuntos musicais, é autor das duas últimas de colaboração com Herbert Brown na primeira e Gus Arnheim na segunda.

Além disso, Arthur Freed é também produtor do filme e êste facto traduzido em auxílio e colaboração com o realizador não deve ter contribuído pouco para o êxito do filme.

Outro factor importante, havíamos dito, era o da interpretação. Glória, antes de mais nada, à juventude dos estúdios de Hollywood talentosa, arrebatadora e triunfante. Nas centenas de centenas de filmes americanos passa gloriosamente, inbativelmente e marca o seu lugar. Mas filmes como «De Braço Dado», como «Homens de Amanhã», «Doida por Música» e tantos outros pertencem-lhe de maneira absoluta. Porque a juventude americana é o principal intérprete dêste filme de Berkeley. Mas é justo sàlientar Douglas Mac Phail um rapaz com uma voz extraordinária; June Preisser interpretando com grande cópia de pormenores preciosos uma vedeta infantil retirada; Betty Jaynes boa cantora de ópera e Mickey Rooney e Judy Garland,

Mickey Rooney é um dos casos mais sérios de poder de presença que conhecemos. Da tela parece desprender-se um fluido que agarra e arrebata tôdas as plateas. Comunica através de qualquer pequenina coisa — êle é um sacudir de ombros, êle é um franzir da testa, ou o andar sacudido, ou o desespêro e a veemência com que interpreta todos os momentos dramáticos...

Em «De Braço Dado» além de todos os talentos que lhe conheciamos apareceu a patentear outros, que há pouco mais dum ano arrebataram o público da Broadway, quando apareceu no palco a tocar, a cantar e a dançar com o mesmo vigor dinâmico electrizante que caracteriza os números que nesta fita se apresentam. E fêz mais aqui: concertou o exagêro de fantochada que ameaçava a seqüência do jantar em casa da pequena vedeta com a cómica humanidade que imprimiu à sua atrapalhação perante os talheres e o sabor chaplinesco com que interpretou a cena do charuto. E, ainda mais: revelou-se extraordinário imitador, «apanhando» a voz de Clark Gable, o gesto e a intonação de Lionel Barrymore, a expressão do presidente Roosevelt

A seu lado Judy Garland voltou a aumentar os seus créditos de artista. De fita para fita, Judy progride em passos seguros. Não é só estar mais bonita — e Judy está já uma linda mulher — é estar cada vez mais segura intérprete e mais extraordinária cantora de «swings». Judy imita magistralmente Mrs. Roosevelt nas suas fiflas, gestos e opiniões do «My days» da rádio americana. A cantar vive o ritmo ou faz mais melodiosa qualquer melodia, mas nunca se limita a cantar sòmente — interpreta.

Ao lado de Mickey Rooney onde tantos bons actores se têm apagado, Judy vive sempre, dá sempre réplica, parece, até, crescer. Esta é a prova real do seu talento, como é prova real da superioridade do Cinema americano aquele conjunto de rapazes e raparigas que cantam, que dançam, que representam, que arrebatam a tal ponto que conseguem arrancar palmas no fim das canções ao apático público português.

E o público português também por ter apaudido aquilo de que gostou merece esta citação que desejamos seja um incitamento.

F. G.

«TUDO A CANTAR»

(Pennies from heaven)

Nunca pudemos perceber por que mal-aventurada carga de água o espantoso cantor que é Bing Crosby não consegue conquistar o nosso público. Por mais absurdo que possa parecer, a verdade é que o «Great Bing» — o homem que tira da garganta a modulação e o «vibratto» do saxofone — agrada menos em Portugal do que o Nelson Eddy ou o Nino Martini, para já não falar no Kiepura, senhores todos êles de excelentes vozes também, mas indiscutivelmente cantores muito mais «vulgares». O facto é que o público português não aprecia Bing Crosby — nem tem pena de não o apreciar! Pois não sabe o que perde!

Ouvi-lo cantar neste filme a maravilhosa canção *Pennies from heaven* é um prazer magnífico, que só pode ser comparável ao que proporciona a visão e a audição de Louis Armstrong o extraordinário músico negro, tão assombroso a interpretar com a sua *trompette* triunfal como com a sua estranha voz roufenha e a sua mímica exuberante e patética. Êsses dois momentos justificam sobejamente a noite, mas o filme oferece ainda outros motivos de interêsse, a começar na sua história, extraída por Jo Swerling da novela de Kathryn Leslie Moore *The Peacock Feather*, história cheia de lances e ambientes imprevistos e curiosos, que gira à volta de uma figura bem achada: «o último dos trovadores»; pena é que nem esta nem aquêles sejam totalmente aproveitados no filme.

Norman Z. Mc Leod, que dirigiu a encenação com a sua habitual mestria e no estilo sóbrio e contrastado que caracterizou a produção da Paramount há alguns anos atrás, obteve coisas excelentes e deu à película um andamento de «adagio», muito apropriado ao tema. São de citar a sequência com que abre o filme o *spiritual* cantado na carroça carregada de feno (cêna que foi representada com surpreendente espontaneidade), a noite de estreia do «café dos fantasmas», a exibição da companhia de circo no orfanato, etc.

Além de Bing Crosby, e Louis Armstrong, as duas grandes atracções do filme, tomam parte na interpretação a pequena Edith Fellows, o simpático velhote que se chama Donald Meek e Madge Evans, ùltimamente afastada dos estúdios. Todos desempenham os seus papéis com o costumado brilho.

A produção é de Emanuel Cohen, transfuga da Paramount que pôde tornar-se produtor independente graças ao contrato de Bing Crosby de que era detentor. — *D. M.*

«MARINHEIROS À FÔRÇA»

(Saps at Sea)

Os filmes de Hal Roach têm sempre o seu destino marcado. O decano dos produtores tem-se dedicado sempre a fazer filmes humorísticos, procurando apenas provocar as gargalhadas das plateias. O público sabe, portanto, que nos seus filmes encontra, fatalmente, motivos de riso para desopilar o fígado atrofiado pelo «spleen» do dia a dia.

«Marinheiros á fôrça» não foge à regra. É película que começa alegremente e não lhe faltam momentos de franca hilariedade, ainda que se possam apontar nalguns dêles falta de originalidade.

As palhaçadas dos populares Bucha e Estica (Stan Laurel e Oliver Hardy) aparecem como incidentes da história. Perderam um pouco mais aquele ar de «sketches» que era habitual. Roach, que é um homem muito sagaz e que conhece a fundo a sua indústria, compreendeu que as palhaçadas só poderiam ser aceitas, actualmente, quando estivessem revestidas de uma fórma mais hábil. Êle, que introduziu os seus dois maiores «astros», Laurel e Hardy, em filmes de enrêdo completo e colheu pelo menos um milhão de dólares em cada um dos que produziu — lá sabe o que faz!

Ou não fôsse Hal Roach o homem inteligente e cheio de sorte que fez a primeira película de Harold Lloyd, que deu ao Bucha e Estica o ensejo de se revelarem cómicos de renome, e que ajudou a erguer o cinema do seu estado embrionário ao alto ponto de perfeição em que se encontra agora. — **A. F.**

TUDO CINEMA



— *Aquela pequena de cabelo platinado ainda cá mora?*

— *Não. Não mora cá desde que entrou para o cinema.*

— *E aquele baixinho, o namorado dela?*

— *Êsse ainda cá mora. Mas saiu para o cinema,*

OS TEMPOS MUDARAM

ANTES de 1914, quando se falava na Áustria,
TODOS a descreviam qual país de maravilha
SITUADO a meio caminho do Paraíso.
VIENA era a cidade europeia evocada com mais saüdade,
POIS dela se levavam sempre as
MELHORES recordações.
O FAUSTO da Côrte Imperial,
A ALEGRIA efusa dos sumptuosos salões de baile,
A MAGIA da sua música embaladora,
O PERFUME embriagante das suas mulheres,
O GARRIDO folclore dos seus arredores pitorescos.
— TUDO, em suma, contribuía para se trazer de Viena a
IMPRESSÃO de se ter habitado uma cidade de lenda, cêrca do Eden.
COM êsse ambiente de sonho, a

METRO-GOLDWYN-MAYER

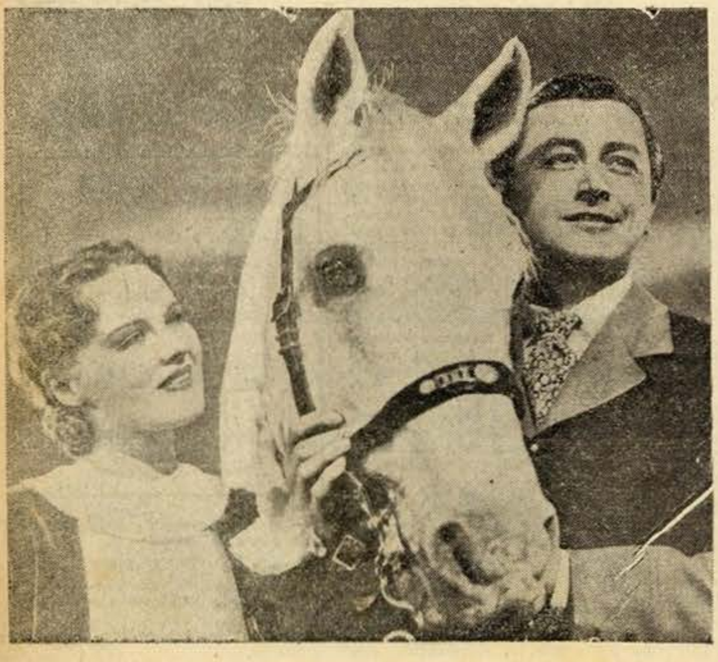
PRODUZIU o filme

«OS TEMPOS MUDARAM»

[(FLORIAN)]

CUJA acção refere os
TRÁGICOS acontecimentos que provocaram a
DERROCADA do velho
IMPÉRIO Austro-Hungaro.

OS TEMPOS MUDARAM



é um espectáculo inesquecível
interpretado por

ROBERT YOUNG
HELEN GILBERT

CHARLES COBURN — LEE BOWMAN
REGINALD OWEN — LUCILE WATSON
a bailarina IRINA BARONOVA
e o cavalo **FLORIAN**

— realização de

EDWIN L. MARIN

Após os enormes êxitos conquistados com
a apresentação dos melhores filmes
da temporada,

A METRO-GOLDWYN-MAYER

assegura-vos que continuará
NO PRIMEIRO LUGAR!

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

O que nos promete «ZIEGFELD GIRL» agora em realização

Nos estúdios de Metro Goldwyn Mayer acabam de ser iniciadas as filmagens do seu novo e grandioso filme musical «Ziegfeld Girl», que será, por assim dizer, uma seqüência de «O Grande Ziegfeld», a mais extraordinária e espectaculosa obra do género que dos estúdios de Hollywood saíra desde que o sonoro veio revolucionar uma arte e uma indústria.

«Ziegfeld Girl» é realizado e foi escrito pelos nomes a quem se ficou devendo «O Grande Ziegfeld»: Robert Z. Leonard e o cenarista William Anthony Mac Guire, que foi o mais directo colaborador dos grandes êxitos de Forenz Ziegfeld, essa extraordinária figura do mundo de espectáculo.

Ziegfeld, não aparecera, no entanto, na tela. Contudo, a sua personalidade estará sempre em foco, através dos comentários dos outros personagens que no filme aparecem. Só uma única vez a sua voz será ouvida: é numa cena em que fala com o seu secretário, que Edward Everett Horton interpreta. Para isso será utilizada a gravação de voz de William Powell, extraída duma das cenas do primeiro Ziegfeld.

Entre os demais intérpretes do filme contam-se Judy Garland, James Stewart, Hedy Lamarr, Lana Turner, Tony Martin, ex-marido de Alice Faye, que há pouco vimos em «Mais Forte que a Lei», da Aliança Filmes, Jackie Cooper, Charles Winninger, Ian Hunter, Al Shean, Paul Kelly, Félix Bressart, Mac Bush, que foi uma grande vedeta no tempo do mudo, Connie Gilchrist, prestigiosa actriz de teatro, etc.

As canções são de Nacio Herbert Brown e Gus Kahn e os figurinos de Adrian. As mais lindas mulheres aparecerão no filme. Recentemente foram seleccionadas quarenta e sete raparigas formosíssimas, de entre mil beldades — bailarinas, prémios de beleza, modelos de artistas, manequins, coristas, etc.

O novo BING CROSBY

Bing Crosby, o extraordinário «Crooner» da rádio americana que é também uma das mais populares figuras do cinema da América, cujos admiradores portugueses tiveram a semana passada oportunidade de vê-lo em «Tudo a Cantar», e de ouvi-lo cantar o famoso «Pennies from Heaven», acaba de interpretar para a Paramount um novo filme. Intitula-se «Rhythm on the River», e a sua acção decorre nos meios teatrais da Broadway, aparecendo a seu lado a nova vedeta Mary Martin, artista de music-hall que uma única canção, «My Heart belongs to Daddy», popularizou dum dia para o outro.

Bing Crosby interpreta a figura dum músico que trabalha por conta dum compositor notório, que se aproveita do seu talento fazendo-se passar por autor das composições criadas pela imaginação fértil e inspiração fácil de Bing.

Mary Martin é a vedeta que canta as canções de que o pobre Bing Crosby é o autor e Basil Rathbone é o pouco escrupuloso compositor.

Foi inaugurada em Hollywood a «Rua Tom Mix»

Os actuais dirigentes da Universal acabam de prestar uma sentida homenagem à memória de Tom Mix, um dos que primeiro freqüentaram a cidade do cinema, que o velho Carl Laemle fundou nos tempos heróicos de 1916, quando o cinema americano iniciava a sua avassaladora ascenção.

A cerimónia realizou-se em frente do «Sunset Saloon», o botequim que tem sido testemunha de homéricas lutas nos filmes de cow-boys. Foi simples e tocante. A rua principal de Universal City, que até então se chamava West Street, por ser nela que habitualmente decorriam as cenas de rua dos filmes de aventuras, passou a chamar-se Tom Mix Street.

O elenco M. G. M. 1941

A Metro Goldwyn Mayer, fundada em 1924 por Marcus Loew — que foi um dos mais importantes magnates do cinema da época, possuidor da maior cadeia de cinemas dos Estados Unidos, ao mesmo tempo que presidente da Metro Pictures — e por Louis B. Mayer, festejando agora o seu 17.° aniversário, acaba de tornar público os nomes dos seus artistas e dos seus realizadores que com êle mantêm contratos de longa duração. E, caso curioso há entre essa lista dois nomes que desde o início daquela emprêsa têm mantido um lugar de grande preponderância. Queremos referir-nos a Norma Shearer e a Joan Crawford. A primeira fez em 1924 «O Homem que leva bofetadas» e «A sua secretária», tendo a segunda aparecido em «Sally Irene, and Mary».

Mas vamos aos nomes: Greta Garbo, Lyonel Barrymore, Wallace Beery, Joan Crawford, Robert Donat, Nelson Eddy, Judy Garland, Clark Gable, Robert Montgomery, Greer Garson, Hedy Lamarr, Mickey Rooney, Norma Shearer, Myrna Loy, Jeanette Mac Donald, Irmãos Marx, Eleanor Powell, Rosalind Russel, Ann Sothern, James Stewart, Spencer Tracy, Lana Turner e Robert Taylor.

Isto pelo que diz respeito às estrêlas autênticas. No grupo dos outros artistas contam-se Judith Anderson, Edward Ashley, Lew Ayres, Lee Bourman, Felix Bressart, Billie Burke, John Carrol, Lynne Carver, Melyn Douglas, Ian Hunter, Laraine Day, Bonita Granville, Virginia Grey, Fay Holden, Ruth Hussey, Rita Johnson, Diana Lewis, a jovem esposa de William Powell, Donald Meek, Frank Morgan, Ann Morris, George Murphy, Maureen O'Sullivan, Reginal Owen, Cecilia Parker, Nat Pendleton, Walter Pidgeon, Ann Rutherford, Lewis Stone, Conrad Veidt, a pequena Virgina Weidler, Johnny Weissmuller, Chill Wills e Robert Young.

No quadro dos realizadores dos estúdios de Culver City, encontramos os nomes de Clarence Brown, Busby Berkeley, Frank Borzage, Harold S. Bucquet, Edward Buzzell, Jack Conway, George Cuckor, Victor Flenning, Mervyn Le Roy, Edwin L. Marin, George B. Seitz, S. Sylvan Simon, Robert Sinclair, Norman Taurog, Richard Thorpe, Jacques Tourneur, W. S. Van Dyke e King Vidor.

FITAS NA FORJA

● **Three Girls and a Gob,** com George Murphy, Lucille Ball, Edmund O'Brien, Henry Travers, Lloyd Corrigan, Mady Correll, Richard Lane, George Cleveland, Kathleen Howard. Dirigida por Richard Wallace. R. K. O. — (Rádio Filmes).

● **Trial and Error,** com Thomas Mitchell, John Litel, Jeffrey Lynn, Geraldine Fitzgerald, Thurston Hall, James Stephenson, Hardie Albright, John Eldredge. Realização de Vincent Sherman. Warner Bros. (S. I. F.).

● **One Night in The Tropics,** com Allan Jones, Nancy Kelly, Bud Abbott e Lon Costello, vedetas da rádio, Robert Cummings, Mary Boland, Leo Carrillo, William Frawley ,Peggy Moran, Nina Orla e Richard Carle. Realizada por A. Edward Sutherland. Universal. (Filmes Alcântara).

● **Glamour for Sale,** com Anita Louise, Roger Prior, June Mac Cloy, Frances Robinson, Don Beddoe, Paul Fix Arthur Loft, Veda Ann Borg. Direcção de Ross Lederman. Columbia. (Aliança Filmes).

● **Moon over Burma,** com Dorothy Lamour, Robert Preston, Preston Forster, Denis Nolan e Alert Basserman. Realização de Louis King. Paramount.

● **Bowery Boy,** com Dennis O'Keefe, Louise Campbell, Helen Vinson, Carol Adams, Connie Lee, Eva Puig, Edward Stanley. Direcção de William Morgan. Republic. (Filmes Luiz Machado).

● **High Sierra** com Humphrey Boggart, Ida Lupino, Alan Curtis, Arthur Kennedy, Henry Hull, Henry Travers. Realização de Raoul Walsh.

COISAS INDISCRETAS



A' primeira vista a gravura que encima estas linhas nada tem de especial.

Puro engano. Os dois senhores são dois categorizados actores de Hollywood, que os frequentadores portugueses de cinema bem conhecem. O da direita é Chester Morris, e o outro, de cabeleira branca, é nem mais nem menos que Frank Morgan, o patusco feiticeiro de Oz, que no filme do mesmo nome fazia as mais extraordinárias mirabolancias. Por sua vez, a senhora é a espôsa de Chester Morris, e a foto representa o momento histórico do primeiro beijo da noiva, a que Frank Morgan, como padrinho e dono da casa onde o casamento se realizou, tinha todo o direito.

Mas ainda há mais. A noiva, que se chama Lilian Kenton Barker e é filha duma figura importante do jornalismo norte-americano, Edwin C. Kenton, fez tudo para que o casamento com Chester Morris se efectuasse imediatamente após ter sido tornado publico o seu divórcio de Michael Barker, milionário de San Francisco. E na verdade, a cerimónia realizou-se logo no dia imediato ao divórcio.

O Correio de Bel-Tenebroso

Toda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA.

FAN DE ALICE FAYE. — Desvanecido, pela simpatia que te mereço. Espero que te tornes meu assíduo correspondente. Começemos já por te fazer a vontade publicando, em separata, as fotos de Alice Faye e Mickey Rooney. As outras virão a seu tempo.

CINÉFILO TIRSENSE. — *O Poder das Trevas* é, fora de dúvida um filme notabilíssimo. Tão notável, que a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de França, no único ano em que classificou «os melhores do ano», o considerou como o mais notável, de quantos tinham sido exibidos. O próprio Robert Montgomery me disse que o considera o seu filme favorito. — Não te dou os dados biográficos das vedetas que pedes, uma vez que breve os verás na secção «Êles e Elas».

I LOVE SHIRLEY TEMPLE. — Segundo parece o incêndio dos estúdios brasileiros da «Sono-Filmes» não leva a importância que a princípio se lhe atribuiu. Ainda bem. O tempo não vai propício às fábricas de filmes, pois que arderam, em Hollywood várias dependências das instalações da Metro-Goldwyn-Mayer, com um prejuízo de 500.000 dólares.— Com que então apreciaste o inquérito sôbre *Mulheres?* Ainda bem! Não creio na tua afirmação: «eu de mulheres, não percebo nada». Modéstia, amigo, modéstia... — Não tens razão quando me dizes que os filmes êste ano «te não estão a agradar». Pelo contrário, a época tem sido excelente. A menos que aí em Coimbra, Vv. não hajam sido favorecidos.

RAPAZ DE ALPIARÇA. — Êste nosso simpático leitor quere mudar de pseudónimo. Mas gostaria que uma leitora o baptisasse, com um pseudónimo belo, romântico atraente e sedutor. A leitora que tomar sôbre si tal encargo ficará sendo madrinha do visado, e, como tal, receberá uma oferenda que *Rapaz de Alpiarça* lhe dedica. — O *Homem do Ribatejo?* Sabes dar-me notícias dêle... Deve estar na morgue, por identificar...

CONDE AXEL DE FERSEN DA SUÉCIA. — Respondo, duma assentada a três cartas (sete fôlhas de papel de máquina escritas de lés a lés) e um postal, com as datas respectivamente de 22, 23, 25 e 26 de Novembro. Que bicho te teria mordido para descarregares sôbre mim, semelhante ofensiva. Mas não te resconsoles que não estás só em campo. O *Bob Taylor*, o *Conde Misterioso*, o *Rey... sem Trono* também são de fôrça... Vou responder-lhes também por atacado. — Podes escrever à Paulette Godard para Paramount Studios, Hollywood, Califórnia. — *Rapaz sem Pseudónimo* está bem e recomenda-se. Anda agora muito afadigado a escrever um romance e diz que lhe não sobra tempo para mais nada.— O primeiro filme da Garbo, em Hollywood, foi a *Tentadora*. O próximo filme da Deanna a ser apresentado em Portugal é *It's a date*. — Podes escrever à Lane Turner para Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, Califórnia. Alguns filmes de Irenne Dunne: *Roberta*, *Com a Verdade me Enganas*, *Pecados de Teodora Quando o outro dia Chegou*, *Alegria de Viver*, etc. — Êste leitor deseja cartear-se com *Maria Isabel*, *Ninon*, *Eterna Garota*, *Miss Século XX* e *Maria Madalena* e cumprimenta *Benjamina*, *Maria Madalena*, *Mab-Illa* e *Eterna Garota* — Uff! Sete páginas e um postal!...

KALLIKRATES. — Se te aceito como meu correspondente?! Mas que pergunta!? Logo que uma pessoa me escreve, fica, *ipso facto*, incluída na legião dos meus leitores. — Não creio que vejamos *Juarez* na presente temporada. *Zola*, também com Paul Muni, é que talvez passe esta época. — Transmito as tuas saüdações a *Manuel, um pescador português*.

OSWALDO SA'. — De *Eldorado* a *Uma Noite Aconteceu* vai, de facto, um mundo de progresso! O que o cinema tem avançado! Que maravilhosa Arte, para vencer tôdas as crises por que tem passado e para se afirmar desta maneira! Foi o *Match* e não o *Motion Picture*, que fez essa afirmação, a respeito de *Gone with the wind*. No entanto, pelo menos no que diz respeito a Portugal, é falsa. Estou informado de que será apresentado, entre nós, no decurso da temporada 1941-1942. — *Lucky Night*, com Robert Taylor e Myrna Loy, não será exibido na Europa, provàvelmente.

D'ARTAGNAN.— Escolhi êste pseudónimo, por ser o mais romântico de todos os que citas. Além disso, evoca-nos a popular figura do herói de Alexandre Dumas, tantas vezes revivido na tela, inclusivamente pelo saüdoso Douglas Fairbanks, pai. — Pelo facto de ser a primeira vez que me escreves não deixarás de merecer a melhor atenção e simpatia. Sê bem aparecido, pois. — Podes escrever a Judy Garland e Mickey Rooney em português. Tanto um como outro, recebem correspondência na Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, Califórnia.

43 A. — Sê bem aparecido, leitor amigo. Já tinha dado pela tua falta. Respondo agora, às tuas duas cartas. — Não te aconselho a que assines agora qualquer revista francesa ou inglesa. *Pour Vous* não se publica, por enquanto. *Picturegoer* aparece com muita irregularidade. — Êste leitor saúda *Luis XV*, *Bel, o pirata*, *Um Cinéfilo tomarense* e *Uma Africana que Adora os Lisboetas* (Vila da Ponte, Angola) e deseja cartear-se com *Uma Garota Sem Importância*, *Uma Loira Madeirense*, *Tripeirinha*, *Maria Cotovia*, *Mará Bob*, *Maluquinha de Arroios*, *Colombina sem pierrot* e *Lilita*. Informa *Morena Caprichosa* «que não recebeu resposta à carta que lhe escreveu em virtude dela acceder a corresponder-se com êle, como se pode certificar pelo «Cine Jornal» n.º 143!» Participa a *Alentejana dos Olhos Verdes* o desejo de tornar a corresponder-se com ela e em caso afirmativo «enviar-lhe-á uma recordação de Viana do Castelo, onde vive. — O livro 7.ª *Arte*, de Mota da Costa, custa 10$00. — Creio que não há à venda nenhum exemplar de *Silence, ou tourne*. Mas escreve à Livraria Bertrand, Rua Garrett, Lisboa, que talvez possa mandá-lo vir — Podes comunicar com Elisa Carreira, por intermédio de *Animatógrafo*, que lhe transmitirá a tua carta.

ANTINEA II. — Como me vai ser difícil, armar em Salomão entre duas leitoras que reclamam a propriedade de título do pseudónimo «Antinea»! Quero crer, de facto, que tu tenhas razão. Mas a outra *Antinea* também tem. Valerá a pena ficares zangada comigo só pelo facto de ter registado o pseudónimo da 1.ª *Antinea* que me escreveu. Que dizes à solução de *Antinea I* e *Antinea II?* Estou certo de que sendo uma rapariga razoável e sensata não irás fazer questão por um simples pseudónimo! Dirás se quererás ser a *Antinea II* ou se preferes escolher outro. E não faltam nomes bonitos, para escolheres e adoptares.

BEL, O PIRATA. — Transmitimos, a Maria da Graça, a tua carta. A assinatura de *Animatógrafo*, como a de tôdas as publicações nacionais ou estrangeiras, deve ser paga adiantadamente.

BENJAMINA. — A sua carta foi transmitida ao destinatário. Quanto ao resto, que me diz a propósito. V. sempre é uma rapariga muito modesta!... Se não tivesse visto *Mulheres*, era capaz de acreditar que V. duvidava de merecer a honra de que foi objecto... — «Não vou ao cinema, há mais de oito dias». Tem estado doente, Benjamina? — Fico aguardando cheio de curiosidade o fim da guerra... Vai ser bonito, o que V. me conta. Se não fôsse imaterial pedir-lhe-ia o «capacete blindado» e a «sombrinha metralhadora» para subir o Chiado. — Transmiti ao meu amigo conforme V. me pede, as suas palavras simpáticas a respeito dum artigo de que V. gostou. — Não faço a chamada geral aos velhos leitores ausentes destas colunas, porque êles vão aparecendo a pouco e pouco. *Uma Clara Morena*, *Aviadoras de Cine-Jornal* e *Maria Cotovia* é que ainda não apareceram! Casaram, pela certa... — Cá fico à espera do novo «quilómetro», mas bem medido!..

LUIZ XV. — Respondo àquela tua carta escrita a tinta e a lápis. Que tal o teu brazão?! Muito sujo, meu amigo... — Porque motivo é que a Maria Paula e o Oliveira Martins não haviam de ser «simples mortais igualzinhos a nós», para me servir da tua pitoresca frase. O cinema deifica as vedetas, mas a verdade é que, na vida real, e na maioria dos casos, têm virtudes e defeitos como qualquer outra pessoa. A diferença está apenas na dosagem dumas e doutros... A Annabella quando esteve entre nós, não resistiu a deitar na sopa pedacinhos de pão, porque, dizia ela, embora não sendo muito protocolar, lhe sabia bem... Tal qual como tu ou como eu... Onde a diferença entre nós e a gente do cinema se faz sentir é no dinheiro que êles têm e ganham, e naquêle que nós ganhamos e temos... — Achei graça àquela passagem da tua carta em que me referes «como tenho ouvido dizer que o Palladium é o meio dos candidatos a astros da tela ontem resolvi lá entrar». Deixa-me agora preguntar-te: sentes já o efeito dos benéficos eflúvios cinegráficos que dimanam das mesas e dos freqüentadores do simpático café da Avenida?

HÉRCULES. — Não é natural que vejamos tão cedo nenhum filme de Danielle Darrieux. Todos os que ela interpretou até agora (falo, pelo menos dos mais recentes) foram já exibidos entre nós. Se a queres ver, Hércules amigo, faze das fôrças fraqueza e vai vê-la a Cannes, onde ela goza as alegrias do sol e do mar na tristeza da quadra que a França atravessa. — Judy Garland: Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — Como vês, eliminei o tratamento cerimonioso.

UM VAGABUNDO FILÓSOFO. — Estou a receber-te com as honras que são devidas a um vagabundo que é filósofo, nas horas vagas. — Comunico a *Benjamina*, *Princesa dos Diabretes* e *Maria Madalena* o desejo que tens de te corresponderes com elas! — O director de *Animatógrafo* agradece os teus bons votos.

ESTUDANTE COIMBRÃO. — Qual o melhor filme de Charles Laugthon? Talvez a *Vida Privada de Henrique VIII* ou *Nossa Senhora de Paris*, ou ainda a *Revolta na Bounty*, para não citar o admirável *Último Escravo*, que não teve o êxito que merecia. — Transmito a *Maria Madalena* e às leitoras de Aveiro o desejo que V. tem de se cartear com elas

Bel-Tenebroso

O REFERENDUM DOS RETRATOS

«O referendum» do «Animatógrafo» continua com grande êxito: centenas de leitores, tôdas as semanas, nos enviam as suas senhas de voto com os nomes das estrêlas preferidas. A luta prossegue cada vez com mais animação.

Os últimos resultados apurados, que hoje publicamos, apresentam em primeiro lugar Heddy Lamarr e Robert Taylor, um par que recentemente fez sucesso em «Dama dos Trópicos», e que em consequência da sua classificação, têm, já neste número os seus retratos publicados. A êstes, como já se fizera para Deanna Durbin e Tyrone Power, são agora cortados todos os votos recomeçando a contagem desde zero.

Até aos últimos momentos a classificação apurada era a seguinte:

ACTRIZES	ACTORES
1 — HEDDY LAMARR	1 — ROBERT TAYLOR
2 — NORMA SHEARER	2 — GARY COOPER
3 — MIRNA LOY	3 — CLARK GABLE
4 — DOROTHY LAMOUR	4 — SPENCER TRACY
5 — ALICE FAYE	5 — OLIVEIRA MARTINS
6 — ROSALIND RUSSELL	6 — MICKEY ROONEY
7 — ANN RUTHFORD	« — JAMES STEWART
8 — JOAN BENNETT	8 — HERBERT MARSHALL
» — HELEN PARRISH	» — HENRY FONDA
10 — MARIA DA GRAÇA	9 — MELVYN DOUGLAS
» — JEAN ARTHUR	10 — ROBERT STACK
» — PAULETTE GODDARD	» — CARY GRANT
	» — WALACE BERRY
	» — PAUL MUNI

Se compararmos os actuais resultados com os anteriores verificâmos que Heddy subiu de quinto lugar e Robert Taylor de sexto para primeiro lugar. Mirna Loy e Norma Shearer trocaram as classificações na disputa do segundo lugar feminino o mesmo acontecendo com Clark Gable e Spencer Tracy a competir para o terceiro dos homens. Quási tôdas as actrizes que figuravam na anterior classificação subiram excepto Alice Fay que baixou um ponto, decerto por já ter saído o seu retrato.

Gary Cooper foi, nos homens, quem subiu mais indo ocupar o lugar de Mickey Rooney que atendendo a que lhe foram cortados, todos os votos chegados até, a publicação do seu retrato está muito bem classificado.

Aparecem vários nomes novos.

Mas a nota mais sensacional é dada pelo aparecimento em lugar de honra de dois nomes portugueses — Oliveira Martins em quinto lugar na classificação masculina e Maria da Graça, que o público só irá conhecer em «Pôrto de Abrigo», e que já se apresenta entre as dez primeiras na boa companhia de Helen Parrish, Jean Arthur e Paulette Goddard. E ainda é capaz de subir...

SENHA DE VOTO

Gostaria de ver publicados na «Galeria do Animatógrafo» os retratos seguintes:

Actriz:..

Actor:..



ÊLES & ELAS em "PÔRTO DE ABRIGO„ da LISBOA FILME

ANTÓNIO DE SOUZA

Quando em 1909 — 18 de Outubro, par sermos precisos — António de Souza surgiu nêste mundo, Algés, sua terr natal, era a praia chique dos arredores de Lisboa, onde a fina flôr da mu nobre e leal cidade ia passar a estação calmosa e fazer as suas abluções na salsas ondas do Tejo, envergando, uns, os flamantes fatos de barras verme lhas e outras, aqueles elegantes modelos, de saiote e mangas até aos pulsos Algés, Cruz Quebrada, Dafundo, viram passar a meninice de António d Souza, e assistiram aos seus primeiros namôros. Foi lá que vestiu as sua primeiras calças compridas e fumou às escondidas o seu primeiro cigarro

Aos 17 anos, António Souza deixa o liceu e troca Algés pelo Minho

Aos 23 anos desce à cidade, quer dizer: volta a Lisboa. Do Norte tra consigo uma grande paixão — irresistível, absorvente, — o cinema! N entanto a almejada oportunidade não chega. E António de Souza deriv para o cinema de amadores, onde dirige e interpreta alguns filmes. Po fim, o momento decisivo chega por intermédio do jornalista Santos Men des, que chama para êle a atenção do realizador de «Pão Nosso».

Souza é recompensado com o primeiro papel daquele filme. Césa de Sá, o fotógrafo de «Pão Nosso», sabedor das suas aspirações, dá-lh um cargo técnico na Lisboa-Filme. E no primeiro filme desta empreza «Pôrto de Abrigo», que Lisboa vai ver em Janeiro, é-lhe dado um pape de relêvo. Por sua vez Jorge Brum do Canto destina-lhe o primeiro papel masculino do filme que vai dirigir, «Lobos da Serra».



ELISA CARREIRA

O teatro de revista em Portugal tem tido em Elisa Carreira um dos seus elementos mais destacados, pela elegância da sua figura, pela sua irradiante simpatia, pelo seu real talento. Os palcos portugueses e as ribaltas do Brasil teem-na visto em numerosas peças, onde a sua presença é sempre notada com extrema simpatia. De facto, ela deve ao teatro os mais belos momentos da sua vida de artista, iniciada, com tão agradáveis auspícios, em «Duas Garotas de Paris», a conhecidíssima peça que há uns bons quinze anos o Eden levou à cena. A esta casa de espectáculos, a que estão ligados alguns dos maiores êxitos populares do nosso teatro, deve também Elisa Carreira muito dos seus triunfos. Foi ali que se estrearam as «Rosas de Portugal», e «O Cabaz de Morangos», duas grandes revistas em que a mocidade de Elisa muito brilhou.

No entanto, inexplicàvelmente, o cinema tem descurado a colaboração valiosa de Elisa Carreira. Àparte a sua curta passagem por «Lisboa», pela «Rosa do Adro» e pela «Aldeia da Roupa Branca», nada mais, de importante, ela fez. A Lisboa Filme acaba, porém, de resgatar essa falta dos produtores nacionais, confiando-lhe no filme que vai estrear em breve, «Pôrto de Abrigo», uma das principais figuras: a espia «Sonia», um papel cheio de modulação e de humanidade, de que ela certamente fará uma criação com interêsse.

Para os seus admiradores curiosos diremos que Elisa Carreira faz anos a 28 de Janeiro. Não se esqueçam de, na altura devida, lhe mandarem os parabens...



IGREJAS CAEIRO

Quando era sargento miliciano numa unidade de Tavira, Igrejas Caeiro esquècia Lisboa e o Chiado, a Rua do Ouro e o Rossio, dedicando-se com verdadeiro amor ao teatro, para se distrair, e para divertir os companheiros.

Com uma base séria — fôra aluno do professor Araujo Pereira — estudava e praticava com enorme entusiasmo o teatro. Êsse entusiasmo muito contribuiu para que tomasse parte no concurso do «Diário de Lisboa» e da Emissora Nacional, «A' procura dum Actor e duma Actriz». E o que é facto é que foi Igrejas Caeiro o escolhido por um júri difícil, em centena e meia de concorrentes. E daí para o elenco do Nacional não foi mais que um passo, o passo a que tal concurso aliás se obrigava.

Igrejas Caeiro acaba também de interpretar o seu primeiro papel no cinema, no filme «Pôrto de Abrigo», em que vive a figura do protagonista. Igrejas Caeiro é um dos locutores da Emissora Nacional e tem 22 anos.

ÓSCAR DE LEMOS

Da vida e das aventuras de Óscar de Lemos, da sua existência movimentada e boémia, falámos já no nosso primeiro número, a que remetemos os nossos leitores.

MARIA DA GRAÇA

Maria da Graça é a ingénua do «Pôrto de Abrigo», uma linda rapariga que tem a frescura e graça do seu nome. Dela esperamos poder ocupar-nos mais desenvolvidamente num dos próximos números do «Animatógrafo».

JAIME DE CASTRO

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



JAMES STEWART
parece espreitar o êxito que vai alcançar em «Mister Smith goes to Washington», de Frank Capra e da Aliança Filmes, cujo título português se revela neste número do «Animatógrafo» Descansa, James! O êxito é seguro.

ÊSTE NÚMERO CONTÉM 2 RETRATOS-BRINDE: HEDDY LAMARR e ROBERT TAYLOR